

SÊNECA, O FILÓSOFO

Cleonice Furtado de Mendonça van RAIJ
Instituto de Letras - PUCCAMP

RESUMO

Lúcio Aneu Sêneca é o grande filósofo do Império Romano, no século I da era cristã.

Sua doutrina filosófica encontra raízes no **estoicismo** que, em Roma, sofre profundas alterações, porque adaptado aos gostos da "Urbe" e aos ideais do homem ocidental.

O ético é, na filosofia senequiana, central, substantivo e quase que exclusivo: ao interesse moral se subordina todo outro.

O caráter filosófico moral da obra senequiana faz-se presente e atuante na nossa realidade sócio-cultural.

RÉSUMÉ

Lucio Aneu Sénèque est le grand philosophe de l'Empire Romain, dans le 1er. siècle de l'ère chrétienne.

Sa doctrine philosophique trouve ses racines dans le stoicisme, lequel, à Rome, a subi des profondes altérations, une fois que le stoicisme s'est adaptée au goût de l'Urbis et aussi aux ideels de l'homme occidental.

L'éthique est, dans la philosophie de Sénèque un thème absolument central, substantif et presque exclusif: à l'intérêt moral tout autre intérêt est subordonné.

La caractère philosophique-moral de l'oeuvre de Sénèque est toujours présent et toujours actuel dans notre réalité socio-culturelle.

Lúcio Aneu Sêneca é, indiscutivelmente, uma figura singular do Império Romano no século I da era cristã.

Sua vida esteve ligada a marcantes acontecimentos: quase condenado à morte por Calígula; exilado sob o Império de Cláudio; educador de Nero e, mais tarde, uma espécie de primeiro ministro e, finalmente, vítima do próprio Nero.

Embora tenha desaparecido grande parte de sua produção literária, filosófica e científica, a que restou exerceu influência decisiva na formação ideológica da Europa nos séculos posteriores.

Mesmo considerando doutrinas diversas, é no **estoicismo** que Sêneca encontra sempre razões e argumentos para analisar e compreender a debilidade, a insegurança, as misérias e grandezas da condição humana.

No entanto, o pensamento filosófico senequiano distancia-se, por vezes, da Stoa, considerada a mais dogmática de todas as escolas filosóficas da Antiguidade.

Quais, então, os valores postulados por Sêneca que serviram de suporte à sua obra filosófica?

Qual o embasamento doutrinal de sua filosofia?

Roma foi o centro vitalizador do estoicismo dos primeiros séculos de nossa era, um estoicismo de doutrina grandemente afetada pelas condições sociais do período imperial.

Em conformidade com o caráter prático do espírito romano, o estoicismo abandonou as especulações puramente dialéticas, próprias da Stoa, centrando-se no elemento humano e colocando-se a serviço da Ética, de tal modo que tudo o que não se prestasse à ordenação moral da vida humana carecesse de valor.

O mundo culto, que abandonara a religião por considerá-la um tanto etérea, talvez tenha tratado de encontrá-la em uma filosofia de caráter eminentemente prático. A função da filosofia dentro da sociedade romana era, pois, fornecer princípios que servissem de embasamento à vida moral.

O supremo ideal era o amor aos homens, a prática da justiça e de todas as demais virtudes. A filosofia assumia, assim, um

novo valor: o prático. Tinha por finalidade levar o homem não apenas ao conhecimento das coisas, mas, acima de tudo, a viver bem, conforme a virtude.

Apesar do caráter inovador, dois dos seus seguidores - Epicteto e Marco Aurélio - representaram uma volta ao estoicismo clássico. Mesmo apresentando um espírito realista e prático, que prescinde das questões teóricas e abstratas, embora supostas implicitamente, pregaram algumas princípios básicos da Stoa: totalidade orgânica do Cosmo, profundo sentimento da não sobrevivência das coisas, assimilação de um monismo corpóreo, submissão à ordem do mundo, etc.

A par desses dois filósofos surge Sêneca que, com a força de seu espírito filosófico, cristaliza lentamente um espírito novo, poderoso, profundamente alterado e adaptado aos gostos da "Urbe", aos ideais do homem ocidental.

Educado e situado na tradição da Stoa, deve a ela as principais estruturas de sua formação filosófica. Com hábil estratégia, por vezes aparta-se de sua escola ora para buscar em outras doutrinas reforço para suas próprias razões, mostrando com isso que a verdade não é um monopólio dos mestres estóicos, mas acessível a todos os homens, ora distanciando-se por completo da Stoa, numa atitude que pode ser vista quase que como uma cisão frente às exigências da mesma.

Teve origem, desse modo, uma doutrina de características próprias - a "doutrina filosófica senequiana".

Sem se desligar completamente dos antigos valores romanos, Sêneca desenvolve uma filosofia objetivando conduzir moral e espiritualmente a sociedade, logo, centrada no homem, daí mais realista, mais humana.

Há um grande número de reflexões filosóficas nas três Consolações, que apontam o caminho tomado por ele, fornecendo os valores básicos assimilados: eticismo, voluntarismo, individualismo e realismo.

Sêneca despreza a dialética como condição prévia da moral.

Os problemas teóricos ocupam na filosofia senequiana lugar secundário. O pensamento deve estar, frequentemente, a serviço da organização moral da vida humana:

“O que é o homem?”, é uma das questões que se colocam.

“Um vaso que pode quebrar-se ao menor abalo, ao menor movimento. Não é necessária uma grande tempestade para que se destrua; bata onde bater, se dissolverá. O que é o homem?”, indaga novamente. “Um corpo débil e frágil, desnudo, indefeso por sua própria natureza (...). Um ser precário, doentio, tendo começado a vida pelo choro”...

São fragmentos da **Consolatio ad Marciam** que analisam não só a brevidade da vida humana, mas, sobretudo, apontam uma contingência constitutiva. Daí a necessidade da aquisição de uma “ciência da vida”, pela qual o homem descartando-se da ansiedade angustiante de uma vida vazia, se propõe a encontrar-se e a aperfeiçoar-se na busca e reconhecimento das próprias limitações.

Toda a filosofia de Sêneca está centrada na Ética. Enquanto para os estoícos primitivos a grandeza da alma era uma consequência do conhecimento da Filosofia, da Verdade, para ele a vida moral é que proporcionava a sabedoria. Segundo os estoícos os deveres do homem eram determinados por um esquema de mundo teoricamente estruturado, isto é, as leis do Universo eram as determinantes da realidade e do valor ético. Sêneca, ao contrário, propunha que a reta conduta partisse de concretos exemplos de virtude, dados por pessoas virtuosas.

O ético é, na filosofia senequiana, central, substantivo e quase que exclusivo: ao interesse moral se subordina todo outro.

Por acreditar mais na consciência do dever ético que nas conclusões da Metafísica (que não apresenta soluções definitivas a nenhum dos problemas capitais de interesse para o homem) Sêneca não considera a mesma como suporte de sua doutrina. O filósofo entende que a dignidade humana não se apóia em nada exterior ao homem, mas na própria personalidade deste. A constituição do Universo não é fator determinante da realidade nem do valor ético. Qualquer que seja a estrutura metafísica do Cosmo, é possível

adaptá-la ao dever ético. Por outro lado, a obrigação moral e seu valor subsistem em si mesmos. A vida do homem e sua moral ocupam, pois, posição prioritária na filosofia senequiana.

Sêneca, imbuído de forte espiritualismo, constante e intensamente ocupa-se de aspectos relacionados à alma, da sua sobrevivência e da presença ameaçadora da morte. Não há tema algum que exercite mais sua fantasia que o da morte. Esta constitui para ele a máxima preocupação e a suprema realidade. Mostrando-a presente em todas as fases da vida, assim se expressa na **Consolatio ad Marciam**, XXI, 1:

“As coisas humanas são todas efêmeras e perecíveis e não ocupam senão ínfima parte do tempo infinito”.

É possível encontramos em sua obra filosófica a **crença** (embora, muitas vezes, assumida de forma vaga e sombria) **em uma vida futura** - a imortalidade da alma. Nessa doutrina Sêneca busca esperança e conforto que devem servir de alento ao coração ferido pela perda de um ente querido.

Na **Consolatio ad Marciam**, XXIV, 5, dirige-se a ela:

“Somente a imagem do teu filho se perdeu (...).

Ele mesmo é eterno e tem agora uma condição melhor”.

Definitivamente, na doutrina estoica não há lugar para a imortalidade pessoal. O que existe é uma contínua transformação. Toda parte será transformada em outra parte, esta será de novo transformada em outra, e assim ao infinito. No final há sempre a integração ao todo.

É de Março Aurélio esta afirmação “A morte não é mais que uma mudança de estado no qual a natureza do Todo se encontra”.

Ao contrário, no estoicismo senequiano, é acalentada a idéia da sobrevivência “individual”, “pessoal” da alma. Admite-se a possibilidade de um transcender humano e é exatamente neste ponto que podemos situar um dos aspectos mais fortes da ruptura com a Stoa.

O pressuposto de que a morte do corpo não destrói a alma, não a afeta, mostra a divergência de Sêneca relativamente ao

sistema metafísico da Stoa. A morte, no sentido de anulação absoluta da personalidade, é algo que o angustia, e é precisamente contra essa morte que sua vontade se rebela.

Rejeitando o monismo materialista, Sêneca introduz em seu pensamento um dualismo moral, numa tentativa de superar a oposição entre o mal e a Providência. Para ele a alma é uma partícula desprendida do pneuma universal: vem de Deus, princípio do bem, enquanto que o corpo vem da matéria, princípio do mal.

Afastando-se do estoicismo rigoroso da Stoa, Sêneca dá grande dimensão à liberdade, colocando-a acima da própria vida. Para o filósofo, a liberdade valoriza o ser humano, tornando-o senhor dos seus atos, independente, plenamente livre, mas não no mero sentido metafísico dos estóicos primitivos, para os quais a liberdade não passava da liberação do espírito de todas as solicitações procedentes do mundo, reduzindo-se a uma total submissão ao destino.

Em Sêneca observa-se a valorização do homem cuja grandeza está no entender todas as coisas, no domínio dos vícios, em ser superior frente à natureza.

O filósofo não concebe o homem submisso, nem a elevação deste pela inserção no todo natural, ao contrário, o vê como um ser superior, que se impõe ao meio, não se deixando vencer pela dor e pelas desgraças humanas. E é nessa luta pela superação da dor que o homem deve senti-la.

Em oposição à indiferença estóica apresenta a superioridade do homem no choque com os males e no uso dos bens.

Esse sentimento atribuído ao homem, como ser vivo e real, era refutado pelos estóicos clássicos, inclusive por Epicteto e Marco Aurélio.

Para Sêneca, o sentir a dor é inteiramente compatível com a dignidade moral. Chega mesmo a elogiar, a valorizar positivamente a sensibilidade afetiva. Nunca negou a existência, a força, a inevitabilidade dos afetos nem, tampouco, sentiu o humano como parte do Todo. A **Consolatio ad Marciam**, VII, 1, atesta esse seu modo de pensar:

“Mas é natural a saudade do entes queridos.

Quem a nega, desde que seja moderada?”

Em toda sua obra Sêneca mostra-se realista, mas de um realismo que poderíamos rotular trágico. Trágico ao projetar a imagem do “uir fortis”: invencível, porém, nunca vencedor no sentido absoluto; homem que se experimenta, que conhece sua verdadeira dimensão no sofrimento; homem que transgride a ordem da natureza e que se perde, mas que, paradoxalmente, no momento em que vivencia a queda, goza de sua grandeza. Trágico ao focar a constante presença do mal tornando, assim, a natureza hostil ao homem. Trágico ao cobrar do homem o sentimento de luta, de coragem, de desprezo pela derrota, exigindo dele uma trajetória de ações além dos seus limites. Trágico, enfim, pela extrema devoção à morte, no sentido de que ela é o espaço da liberdade do homem.

Dentre as diretrizes características da doutrina senequiana está a suprema valorização do homem. Sêneca teve visão inteiramente realista das limitações humanas, dos freqüentes obstáculos a serem superados pelo homem.

Os valores do estoicismo clássico (intelectualismo, monismo e coletivismo) não combinam, em muitos aspectos, com a pregação de Sêneca, que exorta a uma luta contínua do homem frente ao mundo, como valorização de sua própria vida.

O caráter filosófico moral da obra senequiana transborda os limites do tempo, instituindo-se como elemento expressivo, atuante, vivo, para nossa realidade sócio-cultural. Pensamentos formulados há milênios conseguem manter uma correlação dinâmica com o nosso tempo, mostrando que Sêneca está presente entre nós.

BIBLIOGRAFIA

1. BRIDOUY, A. **Le stoicisme et son influence**, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1966.

2. GARCIA - Borrón, J. C. **Sêneca y los stoicos**, Barcelona, Instituto "Luis Vives" de Filosofia, 1956.
3. FRAILE, G. **Historia de la filosofia. Grecia y Roma**. Madrid, Editorial Catolica, S. A., 1965.
4. MOREAU, J. **L'Âme du monde. De Platon aux stoiciens**, Paris, "Les Belles Lettres", 1939.
5. SÊNÈQUE - **Dialogues Consolations**. Texto est. e traduzido por René Waltz, Paris, "Les Belles Lettres", 1950, t. III.